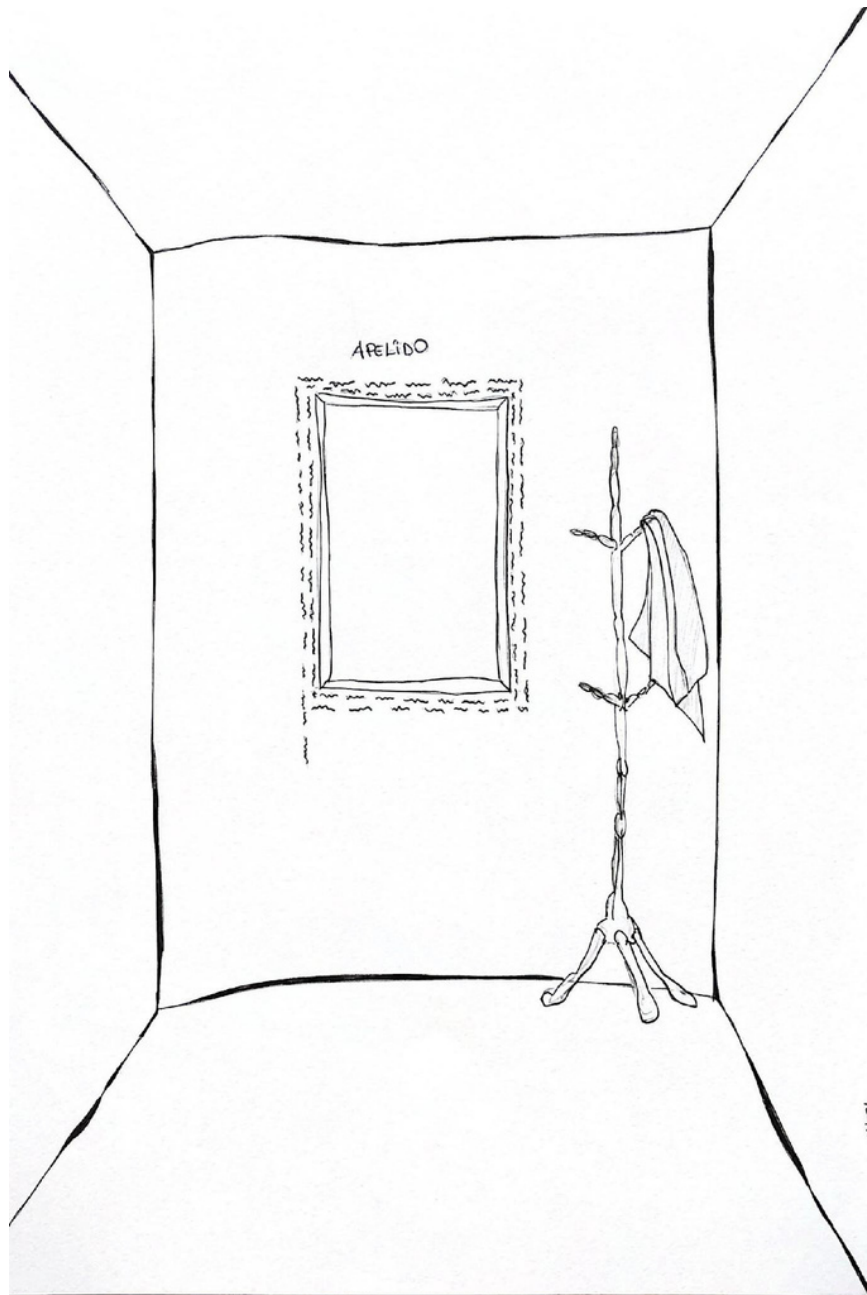


ADULTO ■ VIADO – O PRELÚDIO

ADULT ■ FAGGOT – THE PRELUDE

Ícaro Machado Ribeiro¹



¹ Jornalista, investigador e autor de *Criança Viada* (2021), reeditado internacionalmente em 2025 como *Faggot: Queer Childhood, Memory and Resistance*. Investigador afiliado ao CITCEM (Universidade do Porto) e editor de opinião no *Jornal Universitário do Porto*, desenvolve investigação sobre corpo, gênero, sexualidade e cultura digital, com enfoque nas relações entre pornografia digital, comunicação e indústrias criativas. Sua atuação articula jornalismo, pesquisa e criação artística, explorando o corpo e o desejo como dimensões das dinâmicas culturais e-contemporâneas.

A CRIANÇA CRESCEU

O abuso do amigo do meu pai; o salto-alto apertado de mãe calçado às escondidas; a brincadeira inocente com a boneca da prima; o julgamento na escola pelo comportamento “feminino demais”; a TV ligada aos sábados para ver as minhas primeiras referências de divas... Tudo isso fez o adulto viado que sou hoje.

Apesar de todos os traumas e intempéries desse processo de crescimento, SOBREVIVI. Sobreviver no sentido de RESISTIR ao efeito de (algo); de continuar a EXISTIR depois de (algo).

Não posso me refutar do fato que tive alguns privilégios no caminho. Privilégios que tornaram este caminho “menos tortuoso”. Isso não exclui nem minimiza o processo vivido. Mas reflito sobre muitas manas que não tiveram as mesmas oportunidades que eu. Algumas delas, se perderam no caminho — ou até foram impedidas de seguir, mortas por serem quem são.

Mas aqui, não cabe falar tanto de mim, nem dos meus pares. O objetivo é apresentar a você, caro leitor, este prelúdio de algo que ainda está por vir. Todo esse pleonasma calado que agora sangra no “adulto viado”. A convite do meu grande amigo Ícaro — que tão bem me fez revisitar várias caixinhas da minha infância na primeira edição do “Criança Viada” —, fiquei a cargo de apresentar este fragmento, essa Parte II — de tantas outras partes —, que também fará você refletir sobre a somática de todas essas vivências que nos transformaram no que somos hoje. A fragilidade emocional de seguir sendo aquilo que nos fora piamente proibido de ser: nós mesmos.

Bem, “adulto viado”, este prelúdio reflexivo e atual sobre a nossa história, cumpre a função de dar um tanto de luz àquilo que para maioria de nós, ainda segue no escuro do tabu, mas que está entranhado em nossas práticas e “preferências sexuais”.

Notadamente, a história da comunidade gay está enraizada em práticas controversas e que deixaria qualquer puritano em choque. Mas pouco se fala de onde realmente partem esses comportamentos e de toda a sua transversalidade na falta de uma educação sexual realmente eficaz e inclusiva. Parece leviano culpabilizar apenas a infância viada que tivemos, mas acredite, boa parte da nossa formação — ou a falta dela —, os nossos comportamentos e preferências, tudo é decorrente desse período de nossas vidas, já dizia Freud.

Ao ler essas três novas crônicas que envolvem esse universo “adulto viado”, pude revisitar algumas caixinhas da minha infância que estavam fechadas, não necessariamente num lugar de rejeição e trauma, mas que permaneciam escondidas. Eu acreditava que estavam todas bem resolvidas. Mas não! Toda terapia já feita para entender como cheguei até aqui me ajudou e ainda ajuda, mas vejo que não foram suficientes para dar um ponto final a essas histórias vividas. Talvez, e acho muito provável, nunca serão efetivamente

fechadas. Estarão sempre ali para eu saber de onde eu vim e tudo que me atravessou até eu encontrar o adulto viado que sou hoje.

Lembro de uma vez estar saindo para a missa com o pai. Não recordo agora o quê exatamente, mas parei para perguntar uma coisa e coloquei a minha mão nos “quartos” (cintura) enquanto indagava-o. Ele fez uma cena, gritou comigo e me bateu. Na hora, fiquei sem entender p*rra nenhuma. Fiquei com raiva dele e ele de mim. Passamos até um tempo sem nos falarmos, mas depois tudo voltou ao “normal”. Hoje entendi o porquê da surra. Depois disso, nunca mais coloquei a minha “mão nos quartos” na frente dele.

Desbloqueada a lembrança, insisto: leia esse manuscrito sem amarras, sem culpa, sem remorso. Se permita refletir o quão complexo é ser um adulto viado numa sociedade patriarcal, machista, homofóbica, misógina e racista. É preciso perceber o quanto essa sociedade institucional está nas nossas entranhas e faz morada em nosso corpo subjugando-o e edificando os nossos desejos objetificados. O quanto essa carga social faz parte de todo o nosso comportamento viciado em ser demasiadamente humano.

De todo jeito, bom ou ruim, ao céu ou ao inferno, isso diz quem somos. Ou pelo menos resgata a oportunidade de pensarmos quem somos. Eu, por agora, estou tentando entender o que de fato é ser um adulto viado para me perdoar. E você, já conseguiu se perceber enquanto uma criança ferida que sangra por atenção?

Lu

TWINK

As crianças primeiro aprendem a entender o prazer para depois transferi-lo ao(s) seu(s) objeto(s) de desejo. Entretanto, a relação do sujeito que aprende com o objeto não é direta, mas mediada, envolvendo sempre uma situação de interação social. Logo, “a sexualidade infantil é perversa porque é polimorfa”
Freud

Em toda a sua inquietude, o pai da psicanálise decidiu analisar a organização da sexualidade infantil, entendendo que essa é, por suas próprias características e dinâmica, perverso-polimorfa, uma vez que se manifesta de várias formas, não havendo primazia de uma zona erógena determinada, afastando-se do modelo genital de relação sexual.

Para já, as perversões sexuais podem resultar de fixações ou regressões a estágios anteriores ao desenvolvimento sexual. Assim, Freud reconheceu que as perversões sexuais, muitas vezes, têm raízes profundas na infância e podem resultar de traumas ou conflitos não resolvidos, responsáveis por forjar essas novas experiências capazes de evocar sensações vivenciadas ainda na infância, o principal período de educação sexual do humano em sua evolução biológica.

O termo *Twink*, por exemplo, é uma dessas categorias de consumo disponíveis em sites de conteúdo adulto. Essa *tag* oferece conteúdos pornográficos que são capazes de forjar uma realidade, ou seja, que podem ser facilmente associados à desejos ao corpo infantil, configurando abuso ou até mesmo pedofilia. O mais curioso é que o termo *Twink*, originalmente proveniente de um jargão LGBTQIAP+ – o que é, no mínimo, problemático –, trata-se de uma expressão da língua inglesa usada para descrever adolescentes ou jovens do sexo masculino, ou adultos com uma aparência física igualmente jovem ou pueril. Estas pessoas são caracterizadas, regularmente, por um corpo magro ou atlético e “liso”, sem pelos e nem marcas de expressão ou de idade.

Perceba, a ideação sexual a partir do feitio em presenciar e consumir relações sexuais entre crianças e adolescentes é algo que marcou as sociedades por muitos séculos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) é um marco histórico extremamente relevante para o entendimento da criança enquanto criatura frágil a ser cuidada, amada e, acima de tudo, respeitada em toda a sua ignorância cívico-social. Mas nada disso impede que crianças sejam violadas todos os dias em todos os lugares do mundo por serem ingênuas e indefesas.

[áudio de WhatsApp] – tudo começou assim: eu tenho um amigo que se chama Jorge, acho que talvez a senhora deve saber quem ele é. A gente tinha uns 13 ou 14 anos, por aí. Mas tinham outros meninos que eram mais novos. E aí, tipo, esse gay de seus 30 e poucos anos vinha da cidade vizinha trazendo várias outras gays no carro, entende? Umas gays que são amigas dele. E o que acontecia era que a gente não queria ficar com essas bichas, a gente queria ficar com *boyzinhos*, claro. Porque a gente era gay, e a gente queria ficar com *boyzinhos* de bens. Com uns *boys* que aparentassem ser macho [objeto desejado].

E aí quando a essa gay chegava e vinha com essas bichas a gente não gostava. E essas bichas – como todas as bichas da cidade dela – gostam muito de ficar desmerecendo a gente (bichas) por que erámos do interior. Ficavam *fazendo hora*, dando *close com a gente* e tudo isso. E a gente não curtia muito, porque a gente era desse interior, mas aqui a gente não tinha essa *linhagem* de ficar soltando *cobrice* em cima das bichas, mesmo as de fora. E a gente era mais dessa linha de bicha mais recatada mesmo, sabe, porque era a nossa criação, entende? A gente não era de dar muita pinta.

O negócio foi que essa gay percebeu que não ia ter sucesso trazendo essas outras gay e começou a trazer uns boys. Todos *boyzinhos* da cidade dela, sabe, aqueles meninos que na época eram os boys babados, viado, que todo bicha queria mamar. Só boy de bens, mana. Eram exatamente aqueles meninos que as gays de lá pagavam rios de *acué* (dinheiro) para ficar com eles. A gente chamava de *minché*.

Mas aí então, essa gay trazia esses boys, tipo, vinham para o Beira-Rio (restaurante), a gente almoçava e depois tomava banho do rio. Daí, ficava até o finalzinho da tarde e já virava noite até às 21:00 horas. E quando era no escuro, rolava todo o baratismo: sexo,

mamadas e pegação. Foi aí que essa gay da cidade vizinha percebeu qual linhagem rendia e começou a vir com mais frequência.

Tipo, ela vinha às vezes até durante a semana e trazia um, dois, até três boys. E daí ela pegava eu e outro amigo e levava a gente, tipo, para os terrenos baldios e lá começava a pegação. A gente transava todo mundo sem camisinha. Tipo, ela colocava esses meninos maiores, os adolescentes para comer a gente, colocava a gente para mamar eles e *tals*. Tinha um que era todo malhado e com os olhos azuis, era literalmente o sonho de toda gay, sabe.

Então aconteceu. Eram vários meninos diferentes que essa gay da cidade vizinha trazia e levava a gente para esses terrenos baldios. O negócio dela era colocar a gente para transar com os meninos mais velhos, sabe. E, obviamente, que a gente nessa época já meio que sabia o que queria: *queria sentir prazer de alguma forma*. Porque a gente não era criancinha, sabe. Era o que a gente gostava. A gente era gay do interior, e isso era o que a gente tinha para curtir; os boys eram de bens, pessoas que a gente nem conhecia, pessoas novas, entende? Então a gente só aproveitava do jeito que dava. A gente gostava de ser desejada de alguma forma.

Mas hoje eu meio que já entendo que foram várias situações de assédio e também entendo que isso foi realmente um crime, porque, amigo, fazer isso com crianças de 13, 14 e 15 anos é um crime. E eu lembro, gay, que tinha uns boys novinhos também, sabe, que essa gay da cidade vizinha trazia esses boys que estava começando a criar barba que nem eu também na época. E tipo assim, ela filmava todos esses atos sexuais. Filmava a gente se beijando, filmava a gente se chupando, filmava a gente transando, dois, três metendo junto. Ela dirigia as cenas, mandava a gente fazer poses, bater na cara, cuspir.

Ela também gostava de filmar a gente comendo ela. Bicha, te contar, tinha vezes que a gente fazia tipo uma filinha assim, várias pessoas, uma atrás da outra, tudo se comendo. E a gay da cidade vizinha filmava tudo isso e dava assim, com detalhe de zoom, sabe. Pedia para gente gemer, fazer caras, e sempre até a gente gozar. Todo mundo até o fim.

E aí, sabe o que ela fazia com esse material? Quando essa gay chegava em casa, ela passava todo esse conteúdo para o computador dela. Ela tinha um HD externo (algo assim) e salvava tudo. E ela não deixava assim de qualquer jeito, porque ela dizia que tinha muito medo de ser descoberta. Sei lá, ela sabia que era “errado” de alguma forma, mas a impressão que ela passava para a gente era que o errado era nós sermos gays e não efetivamente o fato dela juntar os adolescentes menores de idade e gravar. A gente achava que, se alguém descobrisse, a gente ia ser descoberto enquanto gays. O sádico era que, mesmo assim, a gente se sentia grato — de alguma forma —, por ele “trazer” esses boys para ficar com a gente. Era como se ele entendesse a gente, sabe. E isso parecia bom.

Teve uma vez que um de nós conseguiu entrar no computador dessa gay da cidade vizinha e catou que a gata ainda não tinha ainda passado todo o material gravado naquele

dia para o HD externo. Aí esse meu amigo abriu as pastas e viu penca e penca de vídeos de outros menores de idade, de gente que ele nunca imaginou: fotos nuas e até mesmo vídeos transando ou então comendo essa gay, tudo sem proteção.

Esse meu amigo disse que ainda conseguiu apagar duas fotos dele, mas não chegou a encontrar fotos minhas. Ele disse que acha que ela já tinha colocado os arquivos no HD externo, então, foi quando eu meio que entendi que ele devia ter muito material pornográfico escondido.

Quando ela tinha oportunidade, ela mostrava esses vídeos a todo mundo do círculo de amigos íntimos dela. Inclusive, teve uma vez, há muitos anos, eu ainda tinha 16 anos, uma dessas gays amiga dessa gay da cidade vizinha foi para a minha cidade, sabe, fazer um trabalho na escola. Quando ela me viu, ela ficou em cima de mim, dizendo que eu tinha a “neca boa”, que já tinha visto os meus vídeos no computador do fulano. E eu ficava todo errado, afinal, eu não podia negar. Ela tinha visto de verdade. Mas eu não fiquei com ela. Eu não queria.

Em 2010, eu conheci o meu primeiro namorado, que foi quando realmente tive o meu primeiro relacionamento e tudo. Teve uma vez que meu namorado chegou em casa revoltado. Com ódio, sabe porquê? Ele falou com um amigo – que também costumava consumir esse conteúdo em vídeo – que disse a ele que tinha vários vídeos meus e fotos no computador desse fulano. Tinha muitos vídeos meu transando com outros caras e tudo sem camisinha, entende?

Eu lembro que nessa época eu fiz vários testes de ISTs para saber se eu não tinha contraído alguma infecção sexualmente transmissível. Graças a Deus, não. Essas pessoas envolvidas no consumo desse material não tinham muita noção das coisas, sabe. A forma com que elas me expuseram, me trataram, me violentaram, foi muito desumano.

Obviamente, não faço mais parte do ciclo dela. Eu percebi o quanto isso mexeu comigo. E hoje, bicha, eu faço terapia. Eu faço terapia por conta de vários problemas que eu tenho. Problemas psicológicos que realmente são bem mais profundos do que eu imaginava. E eu tinha certeza que muito disso vem desse lado de ter sofrido abuso sexual e psicológico desde criança, entende?

Mas para falar a verdade para a senhora, eu sempre achei que isso fosse normal. Que era assim que bicha tinha de ser. Ser via- do era fazer essas putarias e aproveitar os boys enquanto a gente é novinha. Eu fui educado assim, né? Eu meio que ainda tenho contato com essa gay da cidade vizinha hoje em dia, 20 anos depois, sabe. Diz ela que apagou isso, essas coisas nossas. Mas a gente já sabe que não. Ela é viciada nisso.

Eu hoje percebo que essa gay sempre teve tara por menor de idade e por pessoas jovens, as tais *Twinks*. Que para ela é como se fosse um troféu, sabe. Essa ideia *dela* assumir esse papel de instrutor responsável pela inicialização sexual desses jovens. Hoje eu percebo que ela tem um ciclo de abuso muito grande. Ele tem um verdadeiro arsenal de vídeos de

muitos jovens gays e meninos Hétero adolescentes se descobrindo sexualmente de forma clandestina.

A verdade é que todos os meus amigos gays dessa época têm alguma situação de abuso com essa gay da cidade vizinha ou com uma dessas outras gays amigas dela que não produziam as mídias, mas que consumiam o material, validando a ação e provocando esse prazer no autor dos vídeos.

Tem um amigo que também participou desses episódios e que até hoje ainda tem esses problemas. Às vezes a gente conversa muito e ele fala que a vida dele toda foi ele sendo abusado. Na infância, pela família, vizinhos e tudo mais. Na adolescência, nesses episódios dos vídeos com os meninos maiores de idades. Ele sente muito o fato de ter sido incitada a fazer sexo com outras pessoas e ser filmada, entende? E ter consciência de que hoje ainda existem esses vídeos dele transando é muito, muito complicado. É uma prisão, sabe. Um abuso que nunca acaba. Então, eu já não penso nisso, sabe. Mas eu sei que isso influencia em muita coisa na minha vida – *[fim do áudio]*.

A busca por conteúdos pornográficos parte, não apenas de uma premissa de satisfação sexual, mas também da investida por uma realização libidinal que sempre fora negada. Para Freud, o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual, em especial dos começos da sexualidade infantil, pode ser considerado uma das principais chaves para se entender os conflitos psíquicos enquanto gênese patogênica da repressão, identificando esses sintomas patológicos como satisfações substitutivas.

Mas o trauma é esse processo de educação “cívico-social” que se utiliza da memória enquanto mecanismo de armazenamento fisiológico para surtir o “causas-efeitos”. É como um substrato da situação. E a ciência sabe muito bem disso, em seus milhares de experimentos em laboratórios e testes sociais... somos bichos e reagimos – física e emocionalmente – a partir da sinérgica dança entre milhares de lapsos que dão estrutura a todo o nosso sistema nervoso e que são ativados a partir da experiência: ação-reação.

E isso – todo esse substrato fisiológico, as nossas “caixinhas mêmicas” –, estão bem latentes. As coisas [experiências] boas e as ruins – *o que é bom e o que é ruim? É tão subjetivo, né?* A dor física é algo real porque você a faz existir, mas o fetiche que o corpo cria ao/para lidar com essa dor é o que deixa tudo ainda mais subjetivo. É como cada um decide – ou é levado a decidir –, como embrulhar essa “caixinha” que conota todo o efeito da coisa. O “problema” não está exatamente no presente – e isso tem uma certa poesia metafórica entre temporalidade, objeto de desejo e o próprio *objeto-coisa* –, mas em como você o embrulha para abrir depois. “O esforço para lembrar é a vontade de esquecer”.

Numa era de produção de conteúdos adultos, *X +18 (Twitter)*, *Xvideos*, *OnlyFans* e tantas outras plataformas que incitam muitas violências e validam traumas, quantos de nós estamos preparados para nos entendermos enquanto adultos viados? Quantos de nós estamos preparados para percebermos as nossas fragilidades e assim, aprendermos a

contextualizar o nosso afeto angústia e identificar ciclos de repetição? A nossa existência enquanto objeto sexual de terceiros é validada porque somos levados a crer que essa é a nossa razão enquanto adultos viados: servir ao prazer de nossos corpos escravizados pelos [mnêmicos] desejos de uma criança fortemente ferida.

*Indico fortemente que você assista a série *Queer As Folk* (2000-2005);

PADRASTO

Desejo e repressão. A busca por termos como shemale, transgender, brazilian shemale e ladyboy aparecem na liderança de plataformas de conteúdo adulto no mundo. Tá de cara? Pois calma, que tem mais. Você sabia que o Brasil lidera o consumo de pornografia trans no mundo – e, coincidentemente, é também o país que mais mata transsexuais?

Investida. No país tropical, o número de procura e acesso desses “vídeos caseiros” já chegaram a mais de 920 mil visualizações no *RedTube*, 14.5 milhões no *PornHub* e outros quase 45 milhões no *XVideos* (dados de 2023). A busca pelos termos travesti, trans, travesti brasileira – e todas as suas variações possíveis capazes de desencadear algoritmos de prazer reprimidos – são cada vez mais comuns, chegando a serem as palavras-chaves mais utilizadas para se chegar a um “funil” de conteúdos desse gênero. É muito curioso como a mente humana encontra brechas para realizar os seus desejos mais profundos – ou na verdade seria uma maneira de reviver uma educação sexual pervertida que se realiza numa espécie de simulacro?

Adulto viado. Me causou um certo espanto quando descobri que a denominação “*Padrasto*” também é uma categoria de conteúdos à disposição no *Xvideos* e em plataformas similares.

Essas narrativas de simulação envolvem jovens gays (*twink*) que se relacionam sexualmente com os seus – hipoteticamente – padrastos. Em sua grande maioria, os roteiros – que não são lá tão elaborados em produções desse gênero, principalmente em tempos de *OnlyFans* e *Privacy* –, levam esse telespectador-consumidor a crer que o padrasto é supostamente “enfeitado” pelo enteado e seduzido ao coito. No enredo, o mistério da coisa deve ser mantido e, em muitos dos casos, a “lição” dada pelo padrasto serve para ensinar o garoto gay a como aprender a dar prazer – ele notou o seu jeito ‘afeminado’ e então decidiu “dar o que ele queria e/ou merecia”. Além, claro, de dar uma lição: seja macho.

Merecer. Parece uma realidade distante de acontecer, mas acredito piamente que se essa (re)produção audiovisual existe é porque há demanda. E muita. Não se sabe exatamente – ou não se quer saber – qual o real motivo e quem exatamente consome esse

conteúdo manifesto um tanto sórdido, mas a verdade é que essa categoria não é tão ficcional assim. Pelo menos deixou de ser quando eu ouvi uma história de um adulto viado durante uma troca literária acerca do Criança Viada.

Aplicativos de pegação: um verdadeiro banquete sexual. Todo mundo que usa o *Grindr* (aplicativo) já passou por alguma situação no mínimo desagradável. A mais básica de todas, aquela que eu ousaria eleger como a unânime entre todas as gays inseguras que se utilizam desse canal para f**er – e nem vamos julgar que existem pessoas que acreditam que há amor ali. Se um dia houve, eu nunca o (re)conheci – a situação mais *soft* é chegar no lugar e dar de cara com uma pessoa que não era a que você estava a falar pelo aplicativo. Esse é um clássico tão comum que já deixou até de ser absurdo de tão normalizado. É a roleta russa dos dates.

Por falar em clássico, vou evocar aqui um episódio que aconteceu no natal de 2020. Era um final de tarde chuvoso no Rio de Janeiro, entre 19 e 20 horas. No bairro da Glória, um homem branco cisgênero, que se apresentava como ativo no Grindr, chamou o perfil Bezerra ZS (*nickname* fictício) para uma f**a, prometendo que partilhava o número do seu apartamento quando ele chegasse à portaria de seu prédio. Chegando ao local, Bezerra ZS – gays sempre a usar metáforas em seus *nicknames* – foi impedido de entrar: o ativo havia interfonado para o porteiro e informado que já havia subido um, deixando, assim, o tal Bezerra e mais três outros “passivos” ilhados embaixo de chuva na rua. *“Pedi o número do apartamento via redes sociais, ele só me bloqueou. Percebi que não ia dar em nada ficar ali. Como eu morava na mesma rua, voltei para casa. Mas tinha um gay que foi de Uber e pagou 40 contos. E estava chovendo muito”*, contou Bezerra ZS em exclusividade ao Gay Blog BR (fragmento da reportagem).

Esta é uma verdadeira crônica de Natal Queer, não achas? Piadas à parte, a verdade é que todo mundo tem uma história “cabeluda” do *Grindr*. E a crônica “padrasto” nasce exatamente desse *crossover* entre a literacia do Criança Viada e dois adultos viados que usam o *Grindr* para conseguir dates.

Ele estava cheirando pó (brilho, key). Aquele típico gay de Fortaleza, Ceará, que mora no seu bom apartamento no Meireles. Casa toda equipada, carro caro na garagem e dinheiro na conta. Zero controle emocional e o amor próprio em negativo. Eu acho que nessa época eu também ainda estava buscando o meu amor próprio também. A minha criança viada ainda chora às vezes.

Me ofereceu bebida e perguntou se queria um “teco”. Não uso cocaína e não curto ficar com gente “de cortiço”. Possivelmente, eu não era a primeira pessoa a estar ali – e também não seria a última. Se você não entende como isso funciona, vou te clarear um pouco as ideias: chemsex.

Sendo bem categórico, quando uma gay cis branca, discreta e masculina tá se drogando (*Cocaína, Poppers, Viagra, GHB* e até mesmo alguns sintéticos) no apartamento, ela,

de certeza, está bebendo desde a noite passada e agora deve estar no *Grindr* chamando – desesperadamente – outros caras para “curtir”. A noite não pode acabar? Quase isso. Na verdade, isso significa que essa gay não está emocionalmente bem – ou talvez esta seja a única forma que ela encontrou para lidar com a educação sexual que teve. Possivelmente foi abusado, não tem o mínimo de estima pelo seu corpo e, por assim dizer, espera ser fodido pelo máximo de pessoas possíveis nesse dia. A cocaína te deixa com muito tesão ao mesmo tempo que te faz brochar. E isso é um prazer falível de tão insaciável que se é. Nunca me coloquei nessa situação de usar entorpecentes, mas como uma gay vinda do interior, já estive em alguns “dates” assim. Aqui na Europa tudo é ainda mais animalesco.

A verdade é que, na maioria das vezes, você só descobre que é uma armadilha toxicológica quando chega no local. E quando isso acontece comigo, eu geralmente começo a puxar papo. Não sei. Tenho essa minha “educação sexual” de não rejeitar as pessoas claramente, mas vou deixando em evidência o meu descontentamento com a situação até ele perceber que não vai rolar. Talvez seja carência minha não querer ferir o outro também. E assim foi: não rolou. Mas também não tive coragem de dizer.

Comecei a puxar assunto. Ele é advogado e eu tinha lançado a primeira edição do *Criança Viada* nesta época. Mencionei a minha obra porque percebi que ele se interessava pela causa – não pude deixar de notar alguns livros sobre direitos LGBTQIAP+ e algumas “honrarias” da assembleia. Essas coisas que homens criam para validar homens que insistem em criar “valores” entre homens.

Não demorou muito para ele relatar sobre casos de abusos que havia sofrido por muitos anos na infância. Filho de pais separados, esse adulto viado de seus quase 32 anos compartilhou o que podemos simplificar aqui de “problemas familiares”. Família tradicional e fortemente envolvidos com política na cidade. O pai era daqueles homens tipo “Antônio La Selva”, da novela *Terra e Paixão* (Globo). A sua mãe, uma mulher que ascendeu devido ao casamento, mas que não aguentou muito tempo o marido e casou com um cara mais maleável. O seu atual padrasto.

Das histórias de abuso, o meu date do *Grindr* comentou que a sua família tinha uma vendinha dessas de interior. Um galpão grande com um balcão que separa os clientes das várias prateleiras de produtos do campo: milho, arroz, feijão, açúcar e por aí vai. Ele devia ter seis anos e o seu primo uns 16. Era corriqueiro a sua ida ao armazém da família para ficar “aos tratos” desse primo que, cuidadosamente, o colocava embaixo do balcão para chupá-lo até que ele decidisse tirá-lo de lá. Disponível ao seu bel-prazer.

Obstinado, o primo ainda o “oferecia” para que os seus amigos fizessem com ele o que achassem melhor. Ele era um menino afeminado. Por isso, o primo achou por bem colocá-lo a mamar todos os seus amigos e até outros primos. Isso durou anos. Por vezes, ele gostava, por muitas outras, nem entendia muito. Foi aprendo assim que amor de bicha era fazer macho gozar na sua boca. A família descobriu os abusos com o tempo, mas abafou o

escândalo. Não se podia manchar a imagem da família, e outra, o menino não negava o que era, justificaram.

“Nada de novo ao sol” – e me desculpa se isso pareceu indelicado e rude, mas é que o livro retrata histórias bem similares a esta –, disse-lhe. E isso só confirma ainda mais a ideia de que toda criança afeminada servia de depósito de porra para adolescente na puberdade. Uma educação sexual violenta à base de prazer, angústia e desejo. Determinado a me chocar, ele disse que havia uma outra história que ele queria compartilhar comigo.

Uma vez, também ainda criança, chegando à varanda depois de banhar, deitou-se com o seu padrasto na rede para uma sesta. Não se sabe em que momento iniciou a ação ou o que exatamente o fez seguir com o que decidiu fazer – um impulso mnêmico, talvez –, ele simplesmente começou a pegar no pênis do seu padrasto até que este ficasse duro e, em continuação ao que havia aprendido no armazém com o primo, colocou a genitália na boca. Seu padrasto despertou pelo susto do prazer que prenunciava o gozo. Nunca mais se tocou no assunto. Assim como isso nunca mais se repetiu.

Anos depois, numa noite de natal, como na história do ativo do bairro da Glória – e isso tem um vocativo com o tal *glory hole* –, o seu padrasto “bebeu todas” e achou por bem chorar e dizer à mesa o que havia acontecido com ele e o enteado alguns anos atrás.

Eu fiquei em silêncio por muito tempo. Não havia nada que pudesse dizer que fosse reconfortante ou que gerasse algum afeto que não o da angústia de ter de ouvir tudo isso. A mãe dele vive com esse padrasto até hoje. Eles têm uma filha – irmão desse adulto viado –, mas seus pais não gostam que ela tenha contato com ele. Eles, na verdade, não têm uma boa relação. E isso não me choca. O que me choca é saber disso e não saber dizer nada.

A única coisa que consegui fazer foi assimilar o hoje. Eu estava nesse agora com um adulto viado que usa cocaína numa quarta-feira, por volta das 15:00hrs e que exprime um aspecto de virado. Cansaço por muitos motivos. Desse adulto advogado que decidiu lutar pelas causas LGBTQIAP+ para, talvez, fugir de sua própria prisão. Eu estava a pensar no quanto de gente que já deve ter passado aqui hoje para foder até gozar. No vazio que esse adulto carrega no peito. Na sujeira emocional. Mas acima de tudo, na impotência que ele tem em conseguir amar a si próprio.

E todo mundo deveria saber que o problema de uma pessoa receber pouco amor é que ela não sabe como ele é. Então, é fácil ser enganada. Mas ainda pior do que isso, é quando esta pessoa recebe muito amor – e a angústia então invade o território do desejo –, fazendo-o violentamente acreditar que não o merece.

ATIVO COM LOCAL

No *Grindr* tem de tudo. Às vezes me pergunto o que diabos eu ainda faço ali, mas a verdade é que a ansiedade mexe muito com o tesão e, quando tô com a minha libido alta, instalo o aplicativo e começo a caçar. Os perfis são, em sua maioria, bem “agressivos” para

ser bem honesto. Acho que esse aplicativo consegue ser tão homofóbico quanto qualquer outra situação cotidiana ou até pior. É violento, mas como eu ocupo o lugar de “padrão”, ainda tenho um certo poder de escolha. Sei que é contraditório, mas fazer o quê: “já que sou o jeito é ser”.

As descrições dos perfis é algo que me chama atenção sempre. “Hétero Ativo, 41 anos e divorciado: só curto trans, afeminados e viadinhos de calcinha. Se não se enquadrar, peço a gentileza de não mandar mensagem”. Também temos o Discreto Mamão, “adoro homens da obra, estafetas e afins, mas isso não é regra. Casados sempre são bem-vindos. Com local às vezes. Não envio fotos sem receber” (risos). Essas narrativas violentas ajudam a reproduzir as masculinidades tóxicas e todas performances sociais “fetichistas” que nutrimos em nossa sociedade que insiste em oprimir a sexualidade “desviante” e objetifica corpos. Quando não é uma descrição direta, a demanda vem no chat, por vezes, recebo mensagens com propostas bem claras como esta aqui:

Mano, é o seguinte, estou ressecado e bem horny, procuro um submisso para me fazer vir (gozar). Chega aqui, tira de imediato toda a roupa, põe-se de joelhos e lambe-me as bolas e as virilhas. Tem de estar disposto a que quando me apetecer eu lhe possa cuspir e lhe bater na cara e no rabo. Lamber me o cu, lambe-me os pés enquanto estou no tik tok. E mais, deves estar disposto a ficar na posição que eu quero enquanto eu o como (penetro) na velocidade que quero. Literalmente, um brinquedo ao meu lado pra eu fazer o que quiser.

P.s. não vou deixar marcas nem magoar.

Vai entender o que se passa na cabeça desse garoto de 19 anos, né?

“Ativo com local” – esse é um clássico –, era o *nickname* de um cara que mora aqui no meu prédio. A gente conversou muito rápido e logo marcou de ficar. Ele aparentava confuso e agitado – percepção minha sobre a forma como ele escrevia. Ele tem por volta dos seus 30 anos, é médico e tem boas condições financeiras. Mas, independente disso, eu achei interessante o fato de ele parecer atencioso e gentil – além de que eu queria foder, né bicha. Mas enfim, não contei muito pipoca, subi para o apartamento dele.

Quando cheguei lá, fui logo recepcionado por uma angústia: percebi as muitas voltas na fechadura sendo desfeitas. Isso me deixou atenta, quem diabos se tranca em tantas voltas assim? Eu geralmente só dou uma volta na minha fechadura. Estranhei, mas ele era gato e eu estava bem no tesão.

Cheiro forte e luz amarelada fraca. Não demorou muito para eu perceber que havia tido uma festinha no dia anterior. Fui logo questionando e não demorou muito para ter uma confirmação: ele estava sem dormir desde a noite passada. Disse que tinha bebido e que agora estava em uma “crise de ansiedade muito forte”, notava-se pela euforia com que ele sempre respondia o que lhe era questionado. Mas bicha, eu sou cabra velha, eu sabia que só

a bebida e a noite sem dormir não eram tão capazes de deixar essa criatura naquele estado, ele provavelmente usou algum outro entorpecente. Festinha gay em casa sempre tem dessas coisas, né. No bonde *das padrão*: drogas, álcool e curtição.

Olha, dado o estado dele, não demorou muito para ele tirar a roupa. Foi bem mecânico, de forma abrupta, ele se despiu e perguntou se eu não o “preferia daquela forma”. Do nada. Tipo, eu nem tinha encostado nele, nem tínhamos conversado sobre nada, e já estávamos na temática “sexo”. Tá, eu sei o que ele queria – e eu também –, mas eu sou das que performam um romance antes. Ao perceber a minha indiferença, ele foi logo se disciplinando e subiu a roupa seguindo de um pedido de “desculpas”.

Então, eu fiquei bem confusa, quase que paralisada exatamente no mesmo lugar desde que passei pela porta. Nisso, ele continuou dizendo que não iríamos transar – o que é bem típico nessas situações desconfortáveis, sabe. A pessoa esperava alguém que a pegasse de quatro e empurrasse o cacete sem diálogo algum. Falar seria “expor” fragilidades ou “criar laços”. A minha frieza então o destroçou por inteiro, mas não o bastante para impedi-lo de ficar de 4 no sofá e pedir para que eu batesse nele. Em sua última tentativa, dizia que gostava de apanhar sem penetração. De ser putinha submissa – quantas camadas temos nessa situação até agora?

Continuei a observar tudo sem conseguir saber como intervir. Depois, comecei a ficar assustado. Lembrei das “voltas na porta”. Entendi tudo. Fiquei com muito medo de ser agredido ou algo do tipo. Daí comecei a conversar sobre a vida dele, dizendo que o achava lindo e educado, que não precisa ser algo assim tão rápido. Que eu queria algo a mais como cuidar dele, por exemplo. Ou seja, tentei afastar da mente dele os objetivos que eu comecei a tencionar que ele tinha. Decidi sentar no sofá ao seu lado. O meu movimento sinalizou, de certa forma, compaixão. E como uma criança que busca os pais ao cair, ele me abraçou forte e choroso com todo o seu desamparo.

Ele não estava bem. Contou que ninguém o queria, que era imprestável e que nem mesmo o seu ex-namorado o suportou. Perguntei se o término era recente e ele disse que não. Perguntei o porquê de ele estar tão agitado, e ele assumiu que havia misturado cocaína, álcool e clonazepam – suspeita mais que confirmada. Comentou que faz acompanhamento psiquiátrico devido aos abusos na infância. Tentei, com algumas palavras, fazê-lo crer que ele era sim alguém especial, que eu me importava com ele e por isso estava ali – mas eu só queria ir embora, porque estava bem assustado. Então ele disse: e se eu não te soltar mais? Se eu te prender aqui para você não me deixar nunca?

Porra, que merda de cilada foi essa em que eu me meti – foi o pensamento que invadiu a minha cabeça. Mas eu tinha que contornar a situação. Então disse que ele não precisava me prender ali para me ter. Eu iria estar com ele, não iria deixá-lo – eu não o conhecia e não teria porque continuar com ele a não ser pra evitar ser morta, porque era só nisso que eu pensava. Enfim, eu pedi um copo com água, com a desculpa de que a minha

boca estava tão seca e que eu não gostava de “chupar” daquele jeito. Ele então seguiu para atender ao meu pedido.

Aproveitei que ele foi até a cozinha e levantei bem rápido, corri até a porta e soltei um “preciso ir, surgiu um compromisso de urgência” – a gay ainda pensa numa justificativa. Não esperei pela resposta. Desci pelas escadas mesmo, suando frio e com a respiração ofegante. A gente se coloca em cada situação por uma rola, né? Acho que isso não teria acabado bem se eu tivesse me desesperado e pedido pra ir embora. Cheguei em casa, bloqueei ele no *Grindr* e continuei a caçando outro pau.

Mas sabe de uma coisa, hoje o público do *Grindr* é majoritariamente gay malhado, brancos e parrudos. É tanta seletividade, que as pessoas afeminadas, as manas pardas e pretas, as não malhadas ou peludas não estão mais lá. Ou se estão, decidem reproduzir toda essa merda GGG institucionalizada, se forçando a caber num encaixe performativo normativo; do contrário, são atacadas por serem quem são. Tenho amigos que, diariamente, recebem mensagens de ódio gratuitas no Grindr, do tipo: “tá fazendo o que aqui, gorda?”; “sai daqui, passiva nojenta” e tantas outras.

É uma verdadeira evasão de diversidade, sabe. Agora essa aplicação é mais um ambiente dominado pelo sigilo, por garotos de programa/criadores de conteúdos e homens héteros casados “curiosos” que marcam com homens gay para lhe foderem o rabo as escondidas – risos.

*Indico assistir ao filme *Sebastian* (2024), do diretor Mikko Makela; e o filme para televisão *The Normal Heart* (2014), do diretor Ryan Murphy.

